

DESNORTE

CONTOS



INÊS PEDROSA

Ilustrações de Gilson Lopes





Título: *Desnorte*

© 2016, Inês Pedrosa e Publicações Dom Quixote

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Joana Vitorino

Capa e Ilustrações: © Gilson Lopes

Ilustrações a bico de pena (Leonardt 30), em tinta-da-china e ecoline.

Paginação: Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Impressão e acabamento: Guide

O texto deste livro foi composto em Filosofia, fonte tipográfica desenhada por Zuzana Licko.

O título do livro foi composto em Franklin Extra Condensed Gothic,

fonte originalmente desenhada por Morris Fuller Benton.

1.ª edição: Fevereiro de 2016

Depósito legal n.º 403 492/16

ISBN: 978-972-20-5935-0

Reservados todos os direitos

Inês Pedrosa

Direitos internacionais: Colchie Agency | colchieagency@gmail.com

www.inespedrosa.com

www.facebook.com/inespedrosa.oficial

www.twitter.com/inespedrosa_pt

ip@inespedrosa.com

Gilson Lopes

www.gilsonlopes.eu

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide • Portugal

www.dquixote.pt

www.leya.com



DESNORTE



O rapaz esperava a rapariga no bar da piscina, como tinham combinado. Olhava para o relógio e sentia-se parvo – viajara de tão longe, e nem conhecia a cara dela. Insistira em que ela lhe enviasse uma imagem, ao menos uma – afinal ele tinha-lhe oferecido o seu segredo mais íntimo, as fotografias da sua mais bela (embora falhada) tentativa de suicídio, os pulsos abertos e o sangue vermelho escorrendo pelo seu torso muito branco, «Você pensa que eu mostro o meu sangue pra todo o mundo?» «Sangue é sangue» – respondia ela. – «Todo igual. É bonito por isso mesmo. Porque não é íntimo.» A princípio ela dizia também que não tinha câmara digital nem sabia enviar fotografias para a Net. Quando ele insistiu, zangou-se: «Não me digas que estás a fazer um concurso de beleza de suicidas. Se calhar queres ir para o Guinness como o homem que se matou com a mulher mais bela do mundo. Ou tens medo de

morrer de susto quando olhares para mim?» E teve menos vontade de morrer com ele. E menos vontade de morrer, mesmo sem ele, porque ficou irritada. De forma que ele voltou atrás, amansou. Não podia dar-se ao luxo de voltar a falhar. Até ali tinha sido «o alemão», agora chamavam-lhe «o judeu avariado» – «Um judeu que quer morrer, onde é que já se viu. Essa avó que morreu em Auschwitz vai lhe dar umas boas palmadas quando te apanhar lá no outro mundo, viu, menino?» – e isto era a Dona Lucinha, que o conhecia desde criança e gostava dele. Os outros já o tratavam por «veado judeu» nas costas dele – como a própria Dona Lucinha lhe explicara, para o animar: «Não vê que isso de cortar o pulso ou abrir o gás é coisa de mulher exibida?»

E agora ali estava, suando em bica, diante da piscina de um hotel da Cidade da Praia, à espera duma cúmplice desconhecida. Logo ele, que detestava o calor – e a praia, e o Carnaval, e o samba, e o futebol, e tudo aquilo de que era suposto um brasileiro gostar. Quando lhe disse que queria morrer bem longe dali, ela propôs imediatamente Cabo Verde. «Também não quero morrer em Lisboa», disse ela. «Não é a minha terra, não pode ser a terra de ninguém. Se tu tens dinheiro para nós os dois, vamos para Cabo Verde. Sempre quis conhecer esse país, tenho a certeza de que é o sítio ideal.» Ele aceitou porque queria morrer ao sol – parecia-lhe demasiado banal, redundante, a morte no escuro. Um lugar alto, escarpado, à chapa do sol. «Sim, no alto da Cidade Velha, que era onde ancoravam as naus portuguesas carregadas de escravos. Não te parece bem?» A ele tudo

lhe parecia bem, menos chegar aos vinte e cinco anos, que se aproximavam à velocidade da luz. Uma terra ou outra, todas eram iguais, cheias de medo e solidão. E agora ali estava, quase nas mãos daquela hipotética portuguesa de que praticamente só conhecia o nome. Não se sentia com coragem para morrer sozinho, e já não tinha dinheiro para voltar para casa – a não ser que pedisse à mãe, mas não lhe apetecia pedir mais nada à mãe. A mãe tornara-se outra desde que o pai morrera, estupidamente, com dois tiros na cabeça, por tentar defender um par de garotas que estavam a ser importunadas por uns meliantes, numa lancho-nete, em plena Avenida Paulista, às onze da noite. É o que dá querer ser ao mesmo tempo capitalista dourado e cavaleiro andante, pensava o rapaz, a quem a morte do pai dera sobretudo uma enorme sensação de alívio; nunca mais fora obrigado a assistir a desafios de futebol, nem tivera de ouvir sermões sobre a sua misantropia de ostra. A mãe enfiara-se na igreja e nos tribunais, tornara-se beata e vingativa, queria o consolo de Deus e a prisão dos homens. Deus – ele olhava para o céu e via apenas um vazio sem limites, que lhe dava vertigens. Resolveu simplesmente deixar de estudar e criar uma pequena empresa de *software*, para comercializar os programas de computador que inventava. E o negócio até corria bem, com uma tranquilidade bucólica; nem sequer precisava de sair de casa. Estava decidido a estabelecer ele mesmo a hora da sua morte, não queria ser apanhado à traição, numa esquina de São Paulo. Isso era morte de vítima, o mundo estava demasiado carregado delas.

– David? – perguntou ela. – Bom dia. Sou a Natércia.
– Pensava que você era... bem, que era portuguesa.
– E sou. Enfim, sou lisboeta. Nascida na Maternidade Alfredo da Costa, bem no centro da cidade. No bilhete de identidade diz que sou portuguesa, sim. Mas sempre me chamaram «a cabo-verdiana». Porquê? Incomoda-te? Eu também não sabia que havia brasileiros com pele de frango por assar.

David gaguejou, «Que ideia! Incomoda nada! Foi só surpresa, mesmo», Natércia quis saber se era mesmo só surpresa ou horror, David balbuciou outra vez, «Que ideia», Natércia soltou uma gargalhada e disse que, por escrito, o vocabulário dele parecia mais vasto. David riu-se. Nenhum deles se lembrava da última vez em que se tinham rido, nem sequer de terem vontade de rir – e riram-se de novo, subitamente embaraçados com as intimidades que haviam trocado por *e-mail*: «Entrarei de mãos dadas contigo na morte, sem lágrimas, de olhos abertos», escrevera ela. «Eu serei o seu salvador, e você a minha luz», escrevera ele.

– É bom ouvir sotaque brasileiro. Sempre gostei muito da música do português do Brasil, mas a minha mãe não podia nem ouvi-lo. O Chico Buarque, de que gosto tanto, só podia ouvi-lo no *walkman*. E quando aparecia alguma telenovela brasileira, ela mudava logo de canal – disse Natércia, só para dizer alguma coisa. De qualquer maneira, já não tinha importância que não soubesse dizer as coisas certas. Por isso, continuou a falar.



Contou a história da paixão ardente que a mãe desenvolvera, ainda muito jovem, por um empregado de café brasileiro, casado, que passou dois anos a enganá-la com promessas – que um dia iriam os dois morar para Copacabana, montariam uma esplanada no calçadão da praia e viveriam ali felizes para sempre, só precisava de juntar um pouco mais de dinheiro e arranjar coragem para comunicar essa decisão à mulher –, para afinal engravidar a legítima, com a qual regressara ao Rio. Contou como, poucos meses depois, a mãe se deixara emprenhar por um angolano que a abandonara com a filha nos braços, e como, depois, acabara a morar com um mecânico branco que a espancava. Contou-lhe como a mãe lhe batia porque não gostava de estudar e tinha más notas e como abandonara a escola para ser caixa de um supermercado. Contou-lhe dos sacrifícios que a mãe fizera para a pôr a estudar num colégio de freiras e meninas-bem e como as colegas lhe gritavam, «Escarumba! Esqueceram-se de ti na torradeira?», quando as freiras viravam as costas. Contou-lhe como as outras pintaram a *spray* a frase «Deixem-me mostrar a minha divina pila» sobre os panos que cobriam o sexo do Cristo crucificado e como guardaram a lata de *spray* no seu cacifo. Contou-lhe como as freiras a expulsaram sem querer ouvi-la e como a mãe pediu ao mecânico que lhe batesse com o cinto, porque ela já não tinha forças para a educar. Contou-lhe como lhe custara a arranjar coragem para confessar o seu amor ao repositor de legumes do supermercado e como ele a rejeitara imediatamente sem sequer se

dar ao trabalho de a enganar com promessas, como fizera o brasileiro à mãe. Quando acabou de contar tudo isto já o sol desaparecia no horizonte, e decidiram deixar a morte para o dia seguinte.

– Não tem pressa – disse ele.

– Pois não. Vamos à praia?

David disse que sim só para não ser desmancha-prazeres. Apetecia-lhe prescindir dos seus gostos pessoais para dar prazer a alguém, o que constituía uma experiência inédita na sua existência. A lua ia alta quando saíram do mar, vestidos, pingões e risonhos. «Não se pode dizer que não morremos felizes», disse ele, enquanto comiam espetadas de camarão, numa tasca perto da praia. Depois lembrou-se de que só tinha reservado um quarto – para si mesmo, porque chegara na véspera. Natércia disse que não fazia mal. Enfiou-se no duche a imaginar como seria beijar a pele desmaiada daquele rapaz, meter-se-lhe dentro do forro uma só vez, para não morrer estúpida – mas pensou que não suportaria morrer de mão dada com um homem que acabara de a apoucar, e por isso envergou o vestido branco que trouxera para morrer, por cima da Cidade Velha onde a mãe nascera, deitou-se na ponta da cama e deixou-se embalar pela música da água do banho dele, que a fazia chorar.

David entrou na cama devagar, fascinado com o brilho do luar sobre os braços negros de Natércia. Acariciou-lhe um ombro, começou a desapertar os botões, nas costas do vestido branco. Natércia disse: «Eu nunca fiz isto»,

David perguntou: «E você já morreu alguma vez?» A rapariga respondeu que tinha ainda mais medo de se entregar a alguém do que de morrer. O rapaz sussurrou-lhe: «Eu também nunca fiz isso. Acho que não faz mal, vamos morrer amanhã.» Demoraram muito tempo a entrar um no outro, porque sabiam que, ao acabar o dia seguinte, estariam mortos, despedaçados contra uma falésia. Queriam morrer sem o lastro da dor que costuma arrastar os seres humanos, o lastro da imperfeição da vida. O desajustamento que sempre haviam experimentado em relação às coordenadas geográficas da Terra facilitava-lhes a entrada nesse não-lugar que é o amor. Natércia percorreu com a boca o corpo todo de David, gozando a sensação de ancorar, finalmente, na Terra Prometida, no lendário Cabo Verde de que a mãe lhe falara. David sentia o corpo dela como o exacto negativo do seu, a primeira matéria real da sua existência. Prolongaram a combustão dos corpos como se dançassem sobre o mar, num baile de debutantes deslumbrados. «Encontrei em ti o norte do meu sul», disse a boca de um deles, em nome dos dois, antes de adormecerem.

Não há noite que dure a vida inteira, a não ser que não dure – mas isso, pensá-lo-á Natércia muitos anos depois, na hora da sua morte, olhando para a filha que o alemão do Brasil lhe deixou antes de partir para longe, em busca de outra vida.



A POSSE



Um corpo pode materializar-se na ponta dos dedos de outro corpo, sem sequer ter ideia disso. Se querem saber como, sigam a minha história.

Durante anos pensei que a minha obsessão por F. era de carácter sentimental, o que me irritava, porque aprendera na infância que o amor era uma futilidade temporária. O meu pai deixara de amar a minha mãe depois de ela lhe ter parido duas filhas, e nem sequer tinha suficiente compaixão pela mulher para disfarçar o desgosto que as suas formas derruídas lhe causavam. Unia-os o fascínio pela beleza da minha irmã mais nova, uma boneca de tranças louras e grandes olhos verdes, que aos três anos dominava o mundo por intermédio do beicinho. Eu nasci morena e peluda, e a minha mãe repetia à vizinhança, rindo, que quase morrera de susto quando me viu. Mas não vos farei perder tempo com essa parte da história, porque a minha

mãe e a minha irmã morreram num desastre de automóvel quando eu tinha quinze anos. Como sempre desejara a morte da minha deslumbrante irmã, fiquei embriagada com o poder dos meus desejos. Já a morte da minha mãe não era propriamente do meu interesse, porque significava que ficaria sozinha com o meu pai, que me chamava carinhosamente Troncha. Percebi que me conviria controlar a força dos meus desejos de modo a não me tornar vítima deles. Mas demoraria a consegui-lo, sobretudo por causa de F., o homem que me tornou uma entidade sexual.

F. era meu professor. Tocou-me na nuca ainda antes que eu o tivesse visto. Senti uma descarga elétrica. Virei-me e vi-o: «Vamos entrar?», perguntou ele, sorrindo. Era um péssimo professor; falava tão baixo que mal se percebia; creio que, muitas vezes, não sabia o que dizer. Mas dava-nos a ler livros extraordinários e, sobretudo, tinha uns dedos longos e lentos como pernas de aranha. Claro que não olhava para mim; na candura da minha juventude, decidi conquistá-lo primeiro através da escrita, depois através dos ossos: ia despojar-me do pesado manto de carne que me acompanhava desde o berço. Passei um ano à fome e a tentar copiar os escritores favoritos de F. Não foi um ano infeliz, porque todas as noites sonhava com aquelas patas de aranha avançando devagar sobre as minhas pernas enquanto a boca de faca me mordia os mamilos. Pedia-lhe que entrasse dentro de mim depressa e ele negava-se, dizendo que eu tinha de ser castigada por ser uma aluna impaciente e ambiciosa.

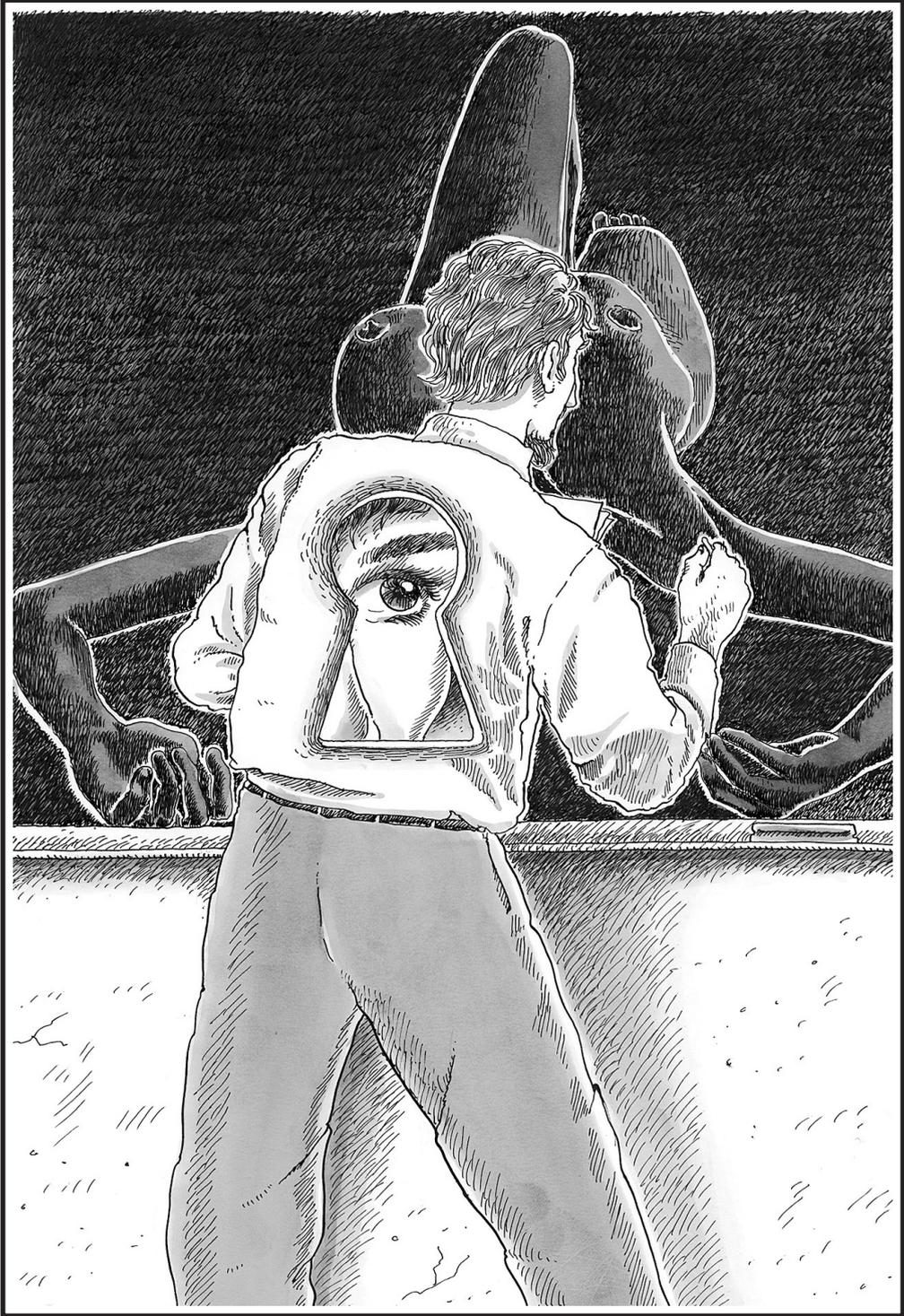
Finalmente, entrava em mim, relampejávamos de prazer e eu acordava. Depois voltava às aulas e tomava nota de todos os seus traços e gestos de modo a preparar o próximo sonho. Não havia, aliás, grande variação nesses sonhos; a repetição de movimentos e fantasias é talvez o maior encanto do sexo, aquilo que o torna de facto um acto íntimo. Creio que as pessoas que fornicam em série sofrem de um romantismo exasperado; o que buscam não é o prazer, que exige concentração e persistência, mas apenas essa espuma do tempo composta pela matéria seca da aceitação social, que se exerce na moral da novidade. Ter poucos ou nenhum amante tornou-se vergonhoso – sei-o por experiência própria. Mas essa vergonha sempre agiu sobre mim como um motivo suplementar de luxúria. Esses e essas que fornicam como ratos e fazem das cópulas rápidas um colar de medalhas, metem-me dó.

Emagreci vinte quilos mas era ainda gorda, no fim do ano escolar, quando F. se casou com uma ex-aluna dele, obviamente magra. Aos poemas que eu escrevia e lhe dava a ler nunca respondia mais do que: «Continue.» Uma das várias editoras para as quais enviei esses versos foi, felizmente, muito mais directa e menos optimista: «Desista da poesia.» As outras não tiveram a generosidade de me responder. Desisti da poesia, mas não de F.; seguia-o, anotava-o e usava-o.

Quando nasceu um filho e o casal procurou uma empregada interna, ofereci-me de imediato. F. não se lembrava de mim, mas eu recordei-lhe que fora sua aluna.

Contei-lhe a triste sequência da minha vida: também o meu pai morrera entretanto, com Alzheimer, deixando-me o suficiente para, desde que apreciasse a frugalidade, não ter de trabalhar. A repugnância que me causavam os bebês – os refegos, o cheiro a leite azedo, as fraldas sujas – tornava-se um pormenor despiciendo face à possibilidade de viver debaixo do mesmo tecto que F.

F. considerava-me obviamente maternal e necessitada de protecção; caía na ilusão das formas redondas. O quarto do bebé, que era também o meu, ficava ao lado do quarto do casal, e ambos abriam para uma simpática varanda. A mulher de F. gostava de despertar com a primeira luz da manhã e nunca fechava as persianas. Passei a assistir às noites conjugais. Nos primeiros meses, nada acontecia; a jovem mãe dizia-se muito cansada com a maternidade. Comecei então a deixar relatos eróticos entre as pilhas de testes que F. trazia da universidade. Escrevia-os nas folhas de ponto – guardara resmas delas – e assinava com um nome falso. Quando chegava a casa com os testes, F. começava a procurar sofregamente aqueles relatos. Eu não tinha futuro como poeta, e certamente também não como ficcionista, mas cedo percebi que alguma eficácia conseguira no género lúbrico. F. metia-se na casa de banho com as folhas onde eu escrevia os meus sonhos eróticos com ele. Espreitava-o pelo buraco da fechadura sempre que podia – quando o bebé não berrava e a mulher dele não deambulava pela casa como uma assombração – e ufanava-me com o sucesso que



alcançara. Mas tinha consciência de que aquela fuga não representava ainda a vitória plena.

Um dia, F. quis partilhar com a mãe do seu filho a fantasia que eu introduzira na sua cabeça. A mulher reagiu mal: disse que não gostava que ele troçasse dela por ter sido sua aluna, e que odiava palavrões. Perguntou-lhe se deixara de sentir amor por ela, e se era por ter ficado flácida depois do nascimento do bebé. A evocação da criança não favoreceu o acto. F. disse-lhe que estava a disparatar e que o amor não podia fazer-se só com amor. Estava a ficar inteligente, e a aprender a falar alto. Desde então, o sexo entre F. e a mãe do seu filho tornou-se absolutamente silencioso — ele repete cada um dos gestos que lhe ensino, nas folhas de ponto, e fala comigo dentro da sua cabeça. Uma vez ou outra, a mulher queixa-se: «Já não olhas para mim.» F. não responde. Não preciso que ele olhe para mim; basta-me que faça tudo o que eu lhe mando. Passo os dedos pelo copo do seu *whisky*, pelos seus lençóis, pela sua roupa. Acaricio os seus dedos de aranha quando lhe passo a criança para o colo. A sua sombra cresce no meu quarto, enquanto o seu corpo entra em acção no quarto ao lado; então, o corpo atravessa a parede, molécula a molécula, e a sombra de F. ocupa o seu lugar no leito conjugal. Não preciso de o ver; basta-me possuir-lhe o cheiro, a cabeça, a vontade e o prazer.